

10 MAI 1986

Professores e GDF *educa* sem nenhum acordo *pro*

JORNAL DE BRASILIA

Depois de duas horas de negociações entre o governador José Aparecido e o Sindicato dos professores no Distrito Federal não se chegou a nenhum acordo e qualquer negociação agora terá que ser feita com o secretário de Educação, Fábio Bruno. Não faltaram acusações mútuas de antipatriotismo ou atitudes ditatoriais, ao contrário da reunião realizada com o Sindicato dos Médicos, logo após a primeira, onde se fez um acordo para não se fazerem colocações políticas.

A decisão sobre as greves dependerá agora do Tribunal Regional do Trabalho que, na próxima segunda-feira decretará ou não a ilegalidade dos movimentos. Esta resolução no entanto não modifica em nada a disposição dos dois grupos que têm reivindicações bem definidas a serem atendidas.

Os professores que lutam a 25 pela implantação de um quadro de carreira querem também melhores condições de trabalho, contratação de professores e reajuste salarial. Estas são as reivindicações dos médicos que, no entanto vão poder dar continuidade ao diálogo, na próxima segunda-feira, numa mesa redonda com os secretários do Trabalho e da Saúde.

O presidente do Sindicato dos Professores Amélio Anchies espera que não se feche o diálogo com o

governo em função da intransigência do Governador em aceitar as reivindicações da classe. A mais séria delas se respalda no artigo 22 do decreto lei do pacote econômico que prevê uma negociação coletiva ampla e no próprio acordo feito entre o governo e o sindicato sobre os reajustes salariais em 85.

Enquanto a maioria das classes trabalhadoras ganhou um aumento de 52%, os professores tiveram apenas 38%. Na próxima segunda-feira, o sindicato vai tentar marcar nova conversa com o secretário da Educação e levar os resultados para a assembleia geral a ser realizada na terça-feira.

Os médicos, após a mesa-redonda já têm assembleia marcada para quarta-feira. No diálogo com os secretários do governo eles reafirmarão a necessidade de recursos humanos para os hospitais, medicamentos para a rede, reequipação de materiais e aparelhos e maior entrosamento do Inamps, Hospital das Forças Armadas e Fundação Hospitalar.

Os professores que ficaram sabendo que o quadro de carreira só será possível a partir de 1987 continuam fazendo seu trabalho de conscientização da população sobre o movimento e afirmam que têm recebido manifestações de solidariedade.